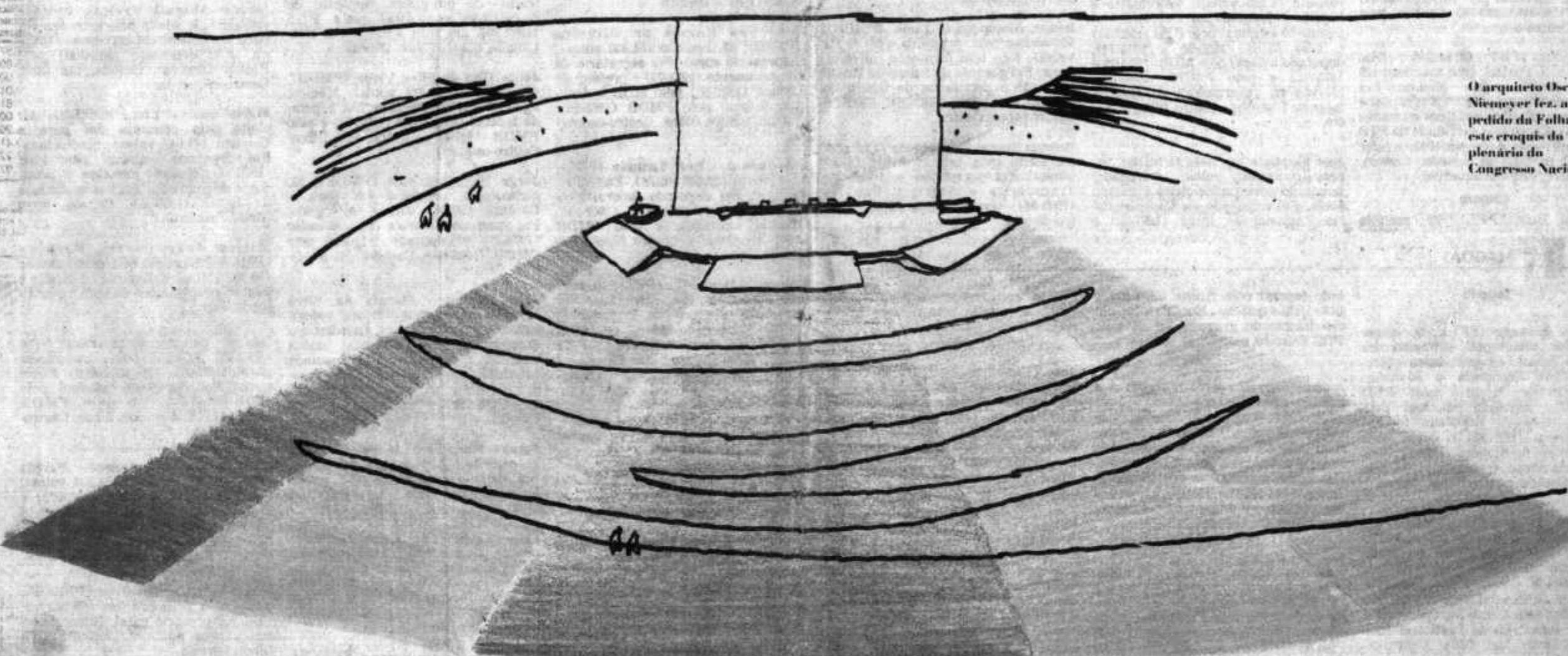


FOLHA DE S. PAULO

OS ELEITOS

4
 Aull

QUEM É QUEM NA CONSTITUINTE



O arquiteto Oscar Niemeyer fez, a pedido da Folha, este croqui do plenário do Congresso Nacional

Centro domina a Constituinte

Do Redação da Folha

Praticamente um terço das 559 deputados federais e senadores que comporão o Congresso constituinte a tomar posse no dia 1º de fevereiro pode ser classificado como centrista, porcentagem que, somada às que correspondem a parentes próximos (centro-direita e centro-esquerda), confere um caráter esmagadoramente centrista ao futuro Parlamento.

No total, 438 deputados e senadores (ou 78,3% dos constituintes) pertencem a essas difusas categorias políticas, o que também serve para indicar um alto grau de indefinição, de resto bem próprio de um país de escassa tradição de identidade ideológica.

De uma forma ou de outra, em todo caso, as forças colocadas nos extremos do arco ideológico (a esquerda e a direita) ficam bastante isoladas: a esquerda terá apenas 52 constituintes, ou 9,3% do total. A direita, 69, o que corresponde a 12,3%.

Para o centro, a subdivisão é esta: a centro-direita estará representada por 131 parlamentares (23,4%); o centro propriamente dito por 181 (32,3%) e a centro-esquerda por 126 (22,5%).

É claro que a classificação adotada pela Folha carrega uma inevitável dose de subjetividade, decorrente, em especial, do fato de que a grande maioria dos políticos atribui, a si própria, uma rotulagem ideológica que nem sempre corresponde àquela com a qual a opinião pública, de

modo geral, a vê. Além disso, as constantes trocas de partidos e até de atitudes frente aos grandes temas políticos nacionais dificultam uma classificação mais rigorosa. De qualquer forma, a Folha preferiu correr o risco de imperfeições na classificação dos constituintes a permitir que eles próprios se auto-atribuissem o rótulo ideológico que imaginam carregar.

As bancadas

A predominância do centro era mais ou menos previsível, mas o que até certo ponto surpreende, agora que se tem a lista completa dos eleitos a 15 de novembro, é uma presença da esquerda menos débil do que se imaginava, se não numericamente, pelo menos qualitativamente.

De fato, a bancada esquerdista inclui ideólogos do peso de um Florestan Fernandes, eleito pelo PT de São Paulo, lideranças respeitadas no âmbito do Parlamento, como o baiano Francisco Pinto, do PMDB, e um lote nutrido de líderes sindicais saídos das fábricas ou escritórios para o Congresso. E o caso, entre outros, do gaúcho Olívio Dutra (bancário), do paulista Luis Inácio Lula da Silva (metalúrgico) e do fluminense Valentim dos Santos (metalúrgico), os dois primeiros do PT e o terceiro do PC do B.

Outra bancada qualitativamente poderosa é a dos defensores do ultra-liberalismo. Dela fazem parte três ex-ministros da área econômica, a saber: Antônio Delfim Netto (PDS-SP), Francisco Dornelles

A IDEOLOGIA DOS PARLAMENTARES						
	Esquerda	Centro-esquerda	Centro	Centro-direita	Direita	Total
AC	—	3	4	2	2	11
AL	2	3	4	2	1	12
AP	—	1	2	1	—	4
AM	—	3	3	3	—	11
BA	8	9	10	5	10	42
CE	1	3	8	7	6	25
DF	2	3	4	2	—	11
ES	3	3	5	2	—	13
GO	1	2	10	4	3	20
MA	1	5	9	4	2	21
MT	—	3	4	2	2	11
MS	—	1	6	3	1	11
MG	5	12	26	12	1	56
PA	1	4	7	7	1	20
PB	—	4	5	4	2	15
PR	1	10	8	13	1	33
PE	3	6	6	9	4	28
PI	—	—	4	6	3	13
RJ	7	13	14	10	5	49
RN	—	1	5	2	3	11
RS	3	12	13	6	—	34
RO	1	1	2	3	4	11
RR	—	—	—	2	2	4
SC	2	3	5	5	4	19
SP	11	20	12	11	9	63
SE	—	1	5	4	1	11
	52	126	181	131	69	559

(PFL-RJ) e Roberto Campos (PDS-MT). E estarão acompanhados de outros liberais convictos como o paulista Guilherme Afif Domingos e o fluminense Alvaro Valle, ambos do PL.

economia tende a ser dos mais ricos, no Congresso constituinte, na medida em que, na outra ponta, estarão pesos pesados do calibre de um José Serra, ex-secretário de Planejamento de São Paulo, eleito pelo PMDB, o senador Severo Gomes, também do PMDB paulista, eleito em 82, e o pedetista fluminense César Maia, outro ex-secretário da área econômica, sem contar com o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, reeleito pelo PMDB de São Paulo e que transita facilmente pela área econômica.

Mas os temas institucionais não estarão menos guarnecidos de debatedores ilustres. Alguns dos já citados deles participarão também, mas a ribalta tende a ser ocupada por nomes como o de Ulysses Guimarães, típico expoente do centro, Afonso Arinos, que dirigiu a Comissão de Estudos Constitucionais arquitetada por Tancredo Neves, o paranaense José Richa, outra estrela centrista, mais o mineiro Pimenta da Veiga (PMDB) e o pernambucano Fernando Lyra (PMDB), que ocupam o espaço de centro-esquerda.

O governo federal não precisaria, sequer, de canais institucionais de ligação com o Congresso, na medida em que o próprio presidente contará com o deputado federal Sarney Filho, do PFL maranhense, outra expressão centrista em ascensão. O secretário da Administração, Aluizio Alves, também tem um filho congressista (Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), outro centrista), enquanto o ministro das Comunicações, Antônio

Carlos Magalhães, fez eleger o seu filho, Luis Eduardo Maron Magalhães, pelo PFL baiano, para engrossar a corrente de direita.

Partidos e ideologias

A divisão ideológica não guarda, necessariamente, semelhança com as linhas partidárias: há peemedebistas que entram na relação dos direitistas, como o senador goiano Irapuan Costa Junior, como os há, também, na lista da esquerda, caso do deputado federal baiano Domingos Leonelli. O que significa que as discussões obedecerão mais a posturas pessoais do que às orientações partidárias.

Para reforçar o bloco, numericamente minguado, da esquerda pura, deve-se contar com o fato de que a bancada de centro-esquerda é, qualitativamente, mais densa do que a de centro-direita, o que leva a crer que ela possa puxar o "centrão" (afinal, o grupo mais numeroso) algo mais para a esquerda, pela força de seus argumentos e de sua retórica. O que, uma vez mais, leva à impossibilidade de se antecipar, com segurança, os rumos do debate constitucional.

É claro que a nova Carta não será socialista ou fascista. Mas, no imenso intervalo entre ambos os extremos, há espaço para uma série de definições intermediárias que não podem ser dadas como certas por antecipação, exatamente porque o centro é fortemente majoritário e ele permite uma série de matizes que só os trabalhos do futuro Congresso tornarão mais nítidos.

CATEGORIAS PROFISSIONAIS DOS ELEITOS

